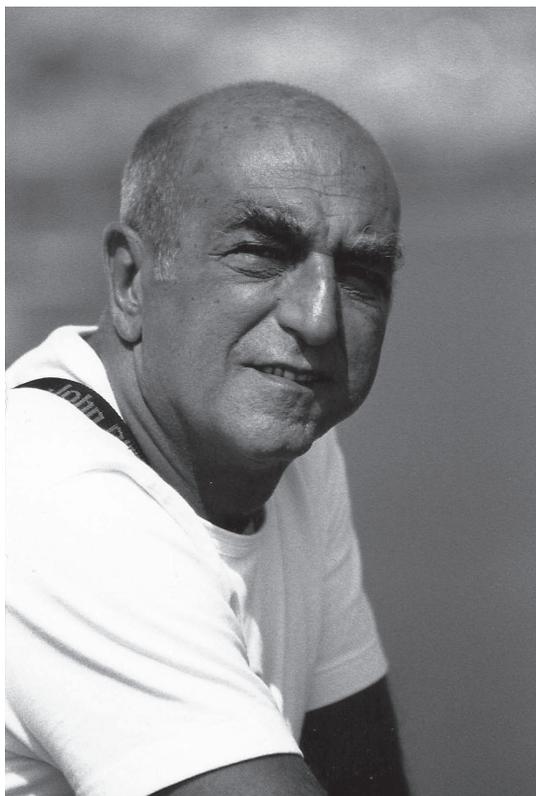


OUTORGA DE TÍTULO DE DOUTOR HONORIS CAUSA DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA PARA O PROF. GIOVANNI CASERTANO

*Gabriele Cornelli*¹

1. Coordenador da Cátedra
UNESCO Archai da Universidade
de Brasília.

CORNELLI, G. (2013). Notícia de “Outorga de Título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília para o Prof. Giovanni Casertano”. *Archai*, n. 10, jan-jul, p. 141-144.



No dia 21 de Agosto de 2012, o Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, Prof. José Geraldo de Sousa Jr., outorgou o título de Doutor Honoris Causa da Universidade de Brasília para o Prof. Giovanni Casertano, da Universidade de Nápoles, Federico II, reconhecendo sua inestimável contribuição para com a Universidade de Brasília e os estudos de filosofia antiga no Brasil. A proposta da Outorga foi assinada pelo Prof. Gabriele Cornelli, coordenador da Cátedra UNESCO Archai, e aprovado por unanimidade pelo Conselho Superior da UnB. A cerimônia foi realizada na Fundação Darcy Ribeiro à presença das autoridades acadêmicas, da esposa Maria da Graça Gomes de Pina, do Embaixador da Itália, Gherardo La Francesca, do Embaixador da Grécia, Dimitris Alexandrakis, do Representante da UNESCO no Brasil, Fábio Éon, do Presidente da International Plato Society, Mauro Tulli, e de muitos colegas e amigos que estavam reunidos na mesma semana para a *Primeira Conferência da área latino-americana da International Plato Society*, que aconteceu na Universidade de Brasília de 20 a 24 de Agosto de 2013.

A *Revista Archai* tem o prazer de publicar abaixo o discurso de agradecimento proferido pelo Prof. Giovanni Casertano e o discurso de outorga proferido pelo Prof. Gabriele Cornelli.

**DISCURSO DE AGRADECIMENTO PARA
A OUTORGA DO TÍTULO DE DOUTOR
HONORIS CAUSA DA UNIVERSIDADE
DE BRASÍLIA**

*Giovanni Casertano**

Magnífico Reitor, Excelentíssimo Senhor Vice-Reitor, Autoridades, Prezados Colegas, Senhoras e Senhores,

em primeiro lugar, queria agradecer de todo o coração o Conselho Universitário da Universidade de Brasília pela grande honra que me concede ao atribuir-me o título de Doutor honoris causa. Permitam-me também dirigir um agradecimento especial ao colega e amigo Professor Gabriele Cornelli que, desde que chegou à Universidade de Brasília, tem querido reforçar e potenciar as relações que mantenho há mais de quinze anos com esta Universidade: uma ligação da qual me orgulho muito e que me tenho esforçado sempre por honrar com seriedade e empenho. Particpei em Congressos, fiz conferências e seminários neste Ateneu, colaborei e colaboro em programas de investigação e trabalho com Professores desta Universidade. Em todas essas ocasiões de confronto cultural fiquei sempre maravilhado pela cordialidade e disponibilidade dos Colegas Professores, unidas a invulgar curiosidade e vivacidade intelectuais, assim como pelo interesse manifestado pelos Alunos que participaram das nossas iniciativas. Espero poder continuar ainda a dar o meu pequeno contributo a esta colaboração, certo de que muito do futuro da nossa cultura ocidental se baseará na união cada vez mais forte das nossas capacidades intelectuais, para lá de qualquer tipo de fronteira geográfica ou não.

De facto, o trabalho de investigação no campo filosófico é um labor que nunca acaba e que necessita não só de instrumentos técnicos, filológicos e hermenêuticos para poder ser realizado, como também de sensibilidade e paixão. Isto porque é ao mesmo tempo não só trabalho de investigação histórica, mas igualmente um modo concreto de fazer filosofia de forma não abstrata, procurando penetrar o espírito e a essência da filosofia, tentando sentir o “sabor” da filosofia.

Quando cada um de nós acaba um trabalho e às vezes se sente satisfeito com os resultados que alcançou, sentir o sabor da filosofia é sentir que além de cada ponto final há outro parágrafo que pode e deve começar. Porque encerrar um discurso filosófico quer dizer abrir outro; significa perceber que o importante não somos nós que interpretamos e fazemos filosofia, mas é a filosofia que se serve de nós para compor um discurso infinito; significa compreender que conseguir possuir a técnica dos discursos filosóficos não quer dizer engaiolar a filosofia naquela técnica; significa perceber que, por muito importantes que possam ser as afirmações que nós ou qualquer outra pessoa faremos, os resultados que obteremos, a própria filosofia estará sempre “além” da que estamos a construir.

Quando tivermos percebido que todos os filósofos, mesmo os maiores, exploraram as vias mais impensáveis para exprimir aqueles que, ao fim e ao cabo, são os poucos temas filosóficos fundamentais da alma humana, e que estes temas permanecem ainda abertos a infinitas outras variações; quando tivermos percebido que não devemos cristalizar-nos nas nossas interpretações, por muito tecnicamente conseguidas e profundas que estas possam ser, porque elas “fazem parte” da filosofia mas não “são” a filosofia, então, talvez, teremos provado o sabor da filosofia.

Tudo isto se encontra nos diálogos de Platão. Com efeito, não há nenhum filósofo, na minha opinião, que como Platão eduque a degustar o sabor da filosofia. Os diálogos de Platão são por excelência obras que “educam” a investigar em âmbito filosófico. Nestes não só podemos encontrar afirmações profundas, que apreendem de modo essencial a raiz e o coração dos problemas mais importantes que o espírito humano colocou a si próprio e continua a colocar-se, a amizade, o amor, a morte: numa palavra, a busca de um sentido da vida que seja autêntico. Mas, ao mesmo tempo, além destas reflexões, as obras de Platão oferecem-nos também a representação dramática de como tais reflexões aparecem na alma humana.

Platão escreveu diálogos e não tratados de filosofia porque quis representar para nós de maneira viva como nasce a necessidade da filosofia, como

* Professor da Università degli Studi di Napoli – Federico II.

se faz filosofia realmente. A filosofia é uma necessidade primária do ser humano que demanda o seu estar no mundo, que questiona o significado que deve dar à sua vida neste mundo. Cada ser humano, quando começa a filosofar, confronta-se com estas perguntas com todo o “peso” do seu ser, com todas as suas experiências, com os seus desejos, com as suas expectativas, com as suas opiniões ainda não bem formuladas. Começar a fazer filosofia, educar-se a filosofar, significa portanto questionar o que somos, o modo pelo qual somos o que somos, e procurar atingir uma consciência de nós mesmos que seja autêntica.

Por conseguinte, com as suas obras Platão, mais do que nos oferecer doutrinas específicas, ensina-nos a maneira correta de construir esta consciência, o modo de nos enfrentarmos e interrogarmos. E esta maneira correta de o fazermos é precisamente o diálogo, uma situação em que construímos conscientemente o confronto com os outros.

No diálogo, cada participante entra em com as suas convicções, com as suas opiniões, com os seus preconceitos, com os seus sentimentos, com a sua afetividade. O diálogo é precisamente o lugar onde cada participante se confronta com os outros, não compete com eles, mas junto com os outros procura respostas que possam ser aceites e partilhadas. Portanto, no diálogo não são tão importantes as doutrinas, as afirmações teóricas que se podem fazer (ainda que estas tenham um grande valor e devam, por isso, ser postas à prova da argumentação e refutação da análise racional); o mais importante é, sobretudo descobrir “como” se chega a uma elaboração doutrinária, o que cada dialogante põe em causa, com a consciência de estar a pôr-se também em causa.

Então, o mais importante é não só a aquisição de um método de investigação, um método que nos permita alcançar teses e teorias partilhadas e válidas, como também e principalmente um método de vida, que é o do respeito pelo próximo, o da vontade de construir com ele uma nova vida, o de partilhar a mesma reivindicação da afirmação de uma nova vida, recusando a falsidade e buscando a verdade. Muito obrigado. E muito obrigado também a todas as pessoas e a todos os amigos (é impossível nomeá-los

aqui) que me deram e ofereceram a possibilidade de aprender novas coisas, de chegar a pensamentos novos, novos sentimentos e me abrem portas para novas perspectivas. E muito obrigado à minha mulher, que me acompanha na minha passagem por este mundo e por esta vida.

Discurso para Outorga de Título de Doutor Honoris Causa de Giovanni Casertano

*Gabriele Cornelli*²

“Que alguém tenha caído numa pequena piscina ou no meio do maior dos mares, a consequência é a mesma: tem de nadar. Portanto, nós também precisamos nadar e procurar sair sãos e salvos deste discurso, a menos que não estejamos esperando que algum golfinho nos carregue ou que depositemos nossa esperança em alguma outra impraticável salvação” (Resp. V 453d).

Num contexto como este, frente a um público tão qualificado de colegas da *International Plato Society*, não pude não iniciar minha *laudatio* sem uma citação do próprio Platão, retirada de uma das passagens mais urgentes e centrais de todo o pensamento ocidental: trata-se do livro Quinto de *República*, numa página em o filósofo ateniense enfrenta as dificuldades na definição de quais seriam as melhores estratégias filosóficas para a construção da cidade justa.

Seria possível louvar muitas conquistas naquela que se revela como uma longa e sucedida carreira acadêmica de nosso mais novo doutor honoris causa da Universidade de Brasília: Casertano participou de importantes comissões nacionais, presidiu a *Società Filosofica Italiana*, publicou inúmeros livros, coordena coleções, formou dezenas de novos pesquisadores da área das origens do pensamento ocidental, alguns dos quais aqui presentes, como é o caso de Silvio Marino, que faço questão de citar, atualmente pesquisador colaborador da USP; organizou e participou de importantes congressos e seminários que nas últimas três décadas contribuíram para mudar profundamente a *lectio* pré-socrática e platônica.

Mas o que mais chama atenção é a marca que Casertano imprimiu a estas atividades, e que a passagem platônica citada quis de certa maneira sugerir. A alegria o ar de *bon vivant* que tanto apreciamos em Gianni, sua capacidade de viver a vida com gosto e em sua plenitude, seu orgulhoso *limoncello* e sua destemida Moto Guzzi, escondem, creio, a marca de uma coragem simples, de uma opção dura e exigente: aquela de uma filosofia (de vida e de cátedra) que recusa caronas – especialmente se estas forem oferecidas por míticos golfinhos – e evita soluções fáceis. Para *navegar* na imagem platônica, Casertano ensinou a tantos a nadar, a recusar qualquer muleta, qualquer atalho, quando se tratar da argumentação que procura a verdade e a justiça, a razão das coisas, o sentido das palavras e do mundo.

A braços nus contra o mar dos muitos discursos – outra bela imagem platônica – Casertano é há muito tempo *kybernetes*, comandante, guia – como se esperaria de todo verdadeiro filósofo, platonicamente –, de um pensar a história e o presente com a lealdade de quem sabe sempre “dar razão” das próprias escolhas, das lições e soluções propostas. Não por acaso, *Lógon didónai*, “dar razão”, é o título da obra que a colega e amiga napolitana, Lidia Palumbo, organizou em ocasião dos 70 anos de Casertano, e que recolhe exatos 70 ensaios de tantos colegas e amigos espalhados pelo mundo (muitos deles aqui hoje).

Não tive a sorte, infelizmente, de ser aluno dele, mas sim de estar presente, recentemente, a sua última aula antes da aposentadoria, ministrada em sua amada universidade napolitana. Uma aula que definiria “normal”, a tratar da paixão de sempre, sofistas e Platão, em frente a um grupo de calouros. Mas o que me chamou atenção, e gravei isso em minha memória para sempre, foram suas palavras finais, dedicadas mais uma vez a alertar o estudante contra todo dogmatismo e fundamentalismo, hermenêutico e político.

O hábito do diálogo como antídoto ao absolutismo, portanto, da razão contra o engano do fundamentalismo, da dúvida como caminho no qual é o certamente o caso de demorar-se: esta certamente a marca da carreira acadêmica do Casertano.

Algo que Casertano quis com grande generosidade compartilhar com nossos alunos da UnB

e de outras universidades brasileiras, por inúmeras vezes ao longo destes mais de 15 anos, ministrando cursos e seminários em língua portuguesa, seduzido como ele é pela “última flor do Lácio”, graças também a sua esposa Maria da Graça Gomes de Pina, filósofa e linguista portuguesa, que aproveitou para cumprimentar.

A Cátedra UNESCO Archai, agradecida, caro Professor, quer te oferecer um presente que é ao mesmo tempo um convite: da mesma forma como Fedro já havia convidado Sócrates no homônimo diálogo para que pudesse demorar-se à sombra de uma árvore, à beira de um espelho d’água, a conversar: “podemos ficar sentados, ou, se quiseres deitados” (*Phaedr.* 229d) – dizia Fedro. Nós do Archai, gostaríamos de te convidar a ficar à beira do lago Paranoá, de baixo destas árvores. E, se pudermos escolher por ti, sugerimos que possa ser comodamente deitado balançando numa rede, no belo “redódromo” logo aqui fora, sob o olhar cúmplice de nosso fundador, Darcy Ribeiro, agora seu colega no seletivo colégio dos 37 doutores honoris causa da Universidade de Brasília.

Grazie, Gianni!

Gabriele Cornelli
Brasília, 21 de Agosto de 2012